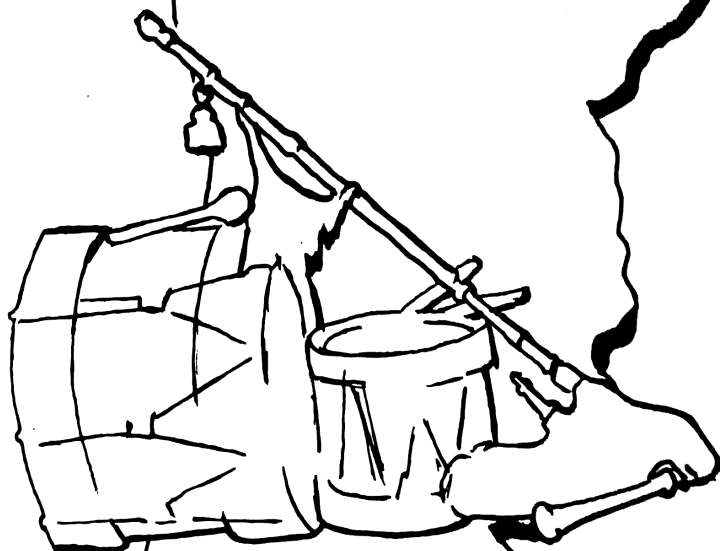
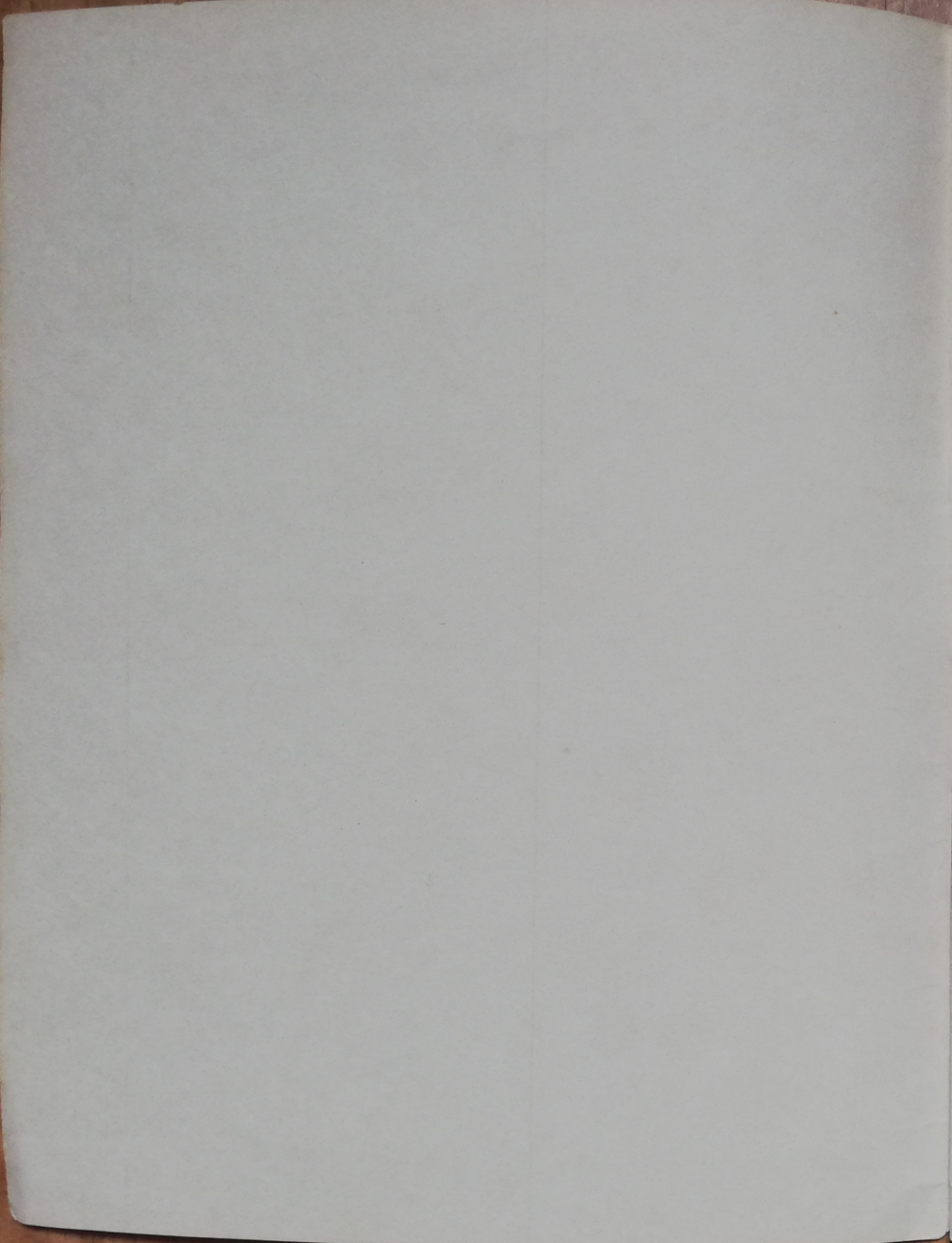
ASSEMBLEIA DISTRITAL
DE VISEU

Instrumentos Musicais Populares Portugueses

Eis os instrumentos. Por eles passa (passou) a triteza e a alegria de um Povo — do nosso.

A festa, a vida e a morte, passa por eles, por tudo. Que ignotas raízes revelam? Que fundos se tocam nas águas, nem sempre claras do presente e do passado? Não terão ainda a voz soturna de velhas civilizações e de seus ramos partidos?

Cantarão ainda bardos Celtas, poetas Árabes, safardis e antiquíssima ciganagem?

Por eles perpassa a História vivida das gentes, que morre e renasce, se faz e desfaz o sentido das coisas e o seu próprio.

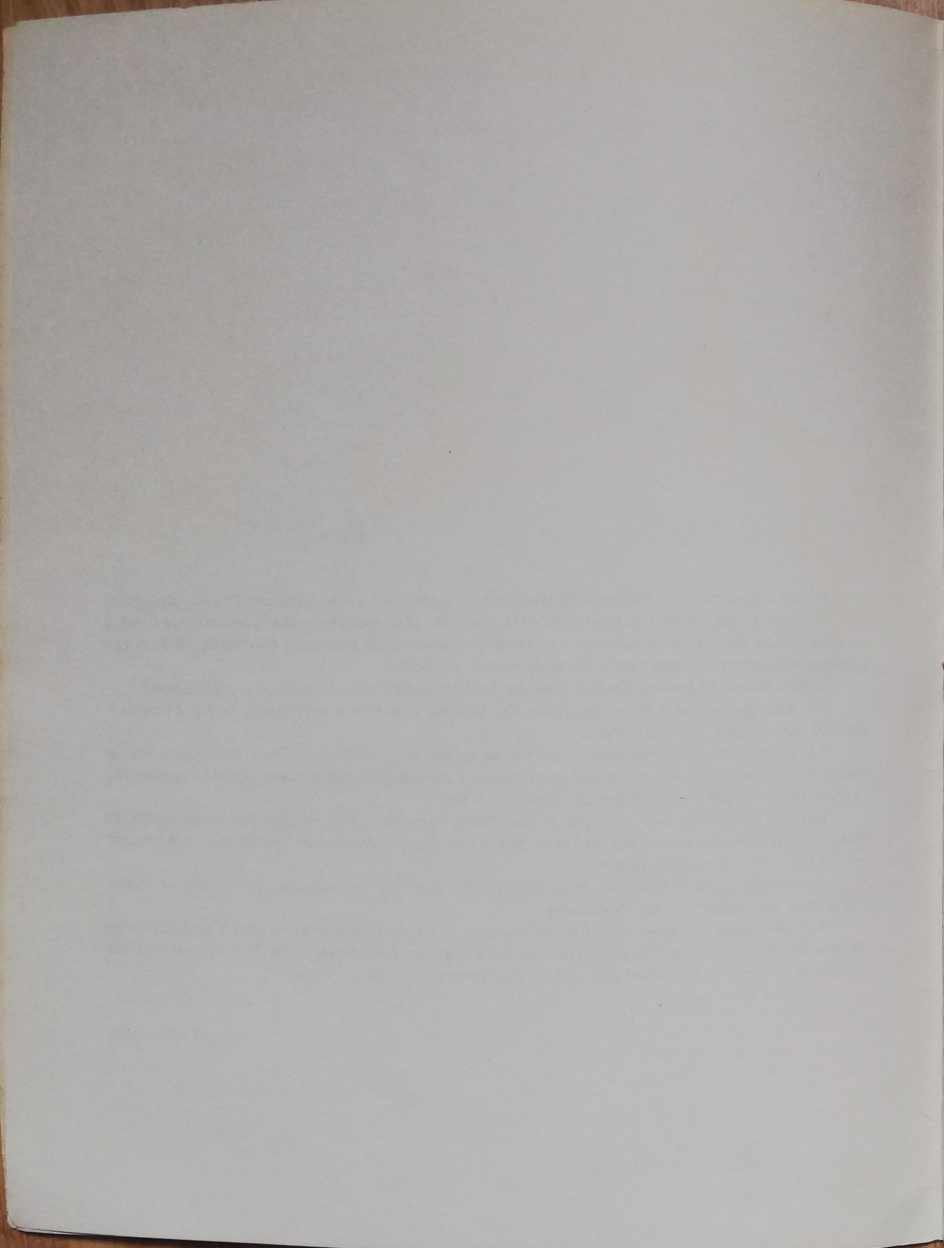
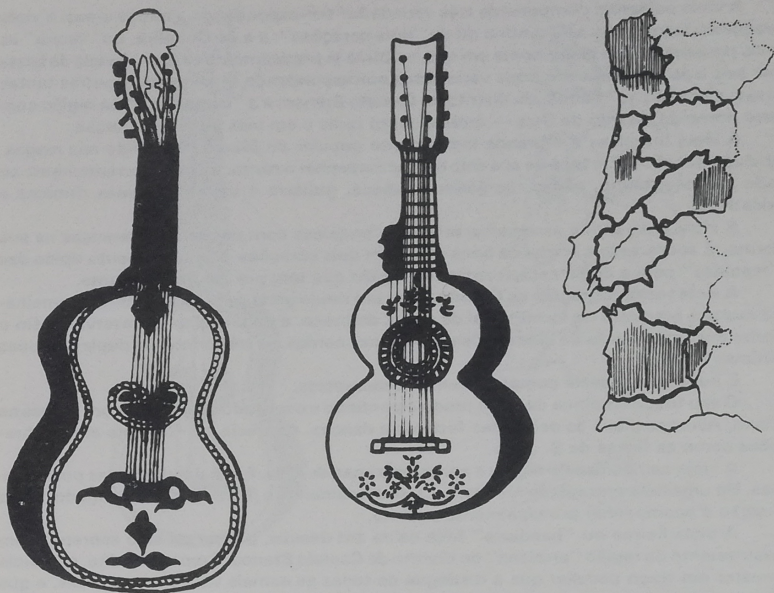
Por eles — os instrumentos — perpassa o som e o sonho dum Povo. Informam-nos de ideologias ocas, pedaços redimidos dum tempo e dum lugar, que alguém acorda, recorda, faz reviver num tempo e num lugar de agora — o seu.

Vetusta sarronca que presidiu a sacrifícios humanos, depois ingénua testemunha do nascimento de todos os Cristos da Terra, pertencentes já a divindades dos pobres, que os ricos — sei lá — tão bem aproveitam.

As velhas gaitas, marciais invocadoras das guerras de antanho, quase tribais, agora inocentes anunciadoras da Primavera.

Também eles — esses, estes instrumentos — nascem, vivem e morrem, como as gentes de que partiram, de que fizeram ou fazem parte. São também pedaços de Domingo, na chateza e agrura de cada dia, trabalhado e duro nos tempos, tempo de cada um.

Ei-los. Falam por si.

Lousã Henriques

viola

A viola portuguesa é um cordofone que pouco difere da forma com que apareceu e se definiu nas representações do instrumento já a partir do século XVI — com a caixa de ressonância composta de dois tampos chatos e quase paralelos, enfranque ou cinta formando dois bojos, o de cima menor e o de baixo maior, com todos os cordofones da família das "guitarras" espanholas e europeias em geral, a que elas pertencem. O encordoamento normal destas é de cinco ordens de cordas metálicas, todas duplas nas braguesas, amarantinas, beiroas e campaniças, e, nas toeiras triplas nas duas últimas ordens e duplas nas três primeiras: as amarantinas, campaniças e algumas braguesas, têm também muitas vezes doze cravelhas de madeira, das quais duas ficam sem serventia: a maioria das braguesas têm apenas dez cravelhas. A viola beiroa além do encordoamento normal deste tipo de cinco cordas duplas e dez cravelhas, mostra ainda duas cordas que partem de um cravelhal suplementar ao fundo do braço.

A viola normalmente toca-se "rasgado" correndo todas as cordas ao mesmo tempo, ora com os cinco dedos juntos, ora com o indicador ou este e o polegar; mas os bons tocadores quando querem, ao mesmo tempo que tocam rasgado, destacam, com aqueles dedos sobre as primeiras cordas mais agudas, a linha do canto esboçado em "pontiado".

Dentro deste tipo fundamental, porém distinguem-se em Portugal, actualmente, duas formas principais de violas: a viola das terras Ocidentais, com pequeno enfranque, e a viola do Leste com enfranque muito acentuado.

A viola ocidental compreende três variedades correspondendo a outras áreas: a viola braguesa ou minhota; amarantina ou de ''dois corações'': e a de Coimbra, ou ''toeira'' as duas primeiras ainda plenamente em uso, a última já praticamente extinta. A viola de Leste por seu lado, compreende duas variedades correspondendo igualmente a outras tantas áreas: a ''bandurra'' beiroa, do distrito de Castelo Branco; e a ''campaniça'' da região com esse nome do distrito de Beja — ambas muito raras e em vias de total extinção.

A viola braguesa é o grande instrumento popular do Minho, figurando nas rusgas, chulas e desafios. Ela toca-se aí a solo ou a acompanhar o canto, ou mais correntemente ao lado do cavaquinho, violão, banjolim e rabeca, guitarra e vários idiofones rítmicos e fricativos.

A viola amarantina assemelha-se à viola braguesa com pequenas diferenças na sua forma. É sobre tudo a forma da boca que é em dois corações. É o instrumento típico das ''festadas'' para a chula característica da região que tem por centro Amarante.

A viola toeira, da região de Coimbra e de um modo geral da Beira Litoral — assemelha-se muito à braguesa na forma geral da caixa, do braço, e do cravelhal. Conserva porém o velho encordoamento de cinco ordens com doze cordas, as três primeiras duplas, as duas últimas triplas.

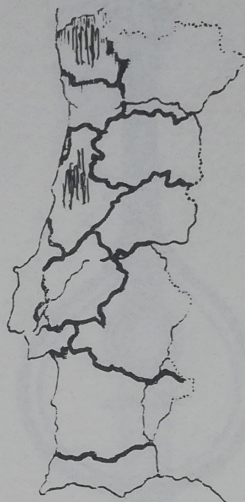
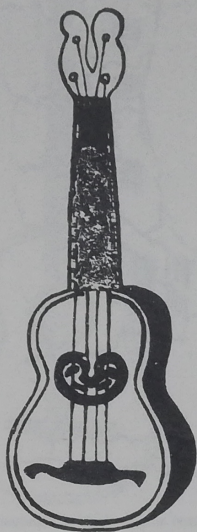
É hoje uma espécie completamente desaparecida.

O seu toque combina de certo modo o pontiado e o rasgado alternando com toques na caixa. Acompanhava os descantes festivos e danças. Aparecia em Coimbra em celebrações como as festas de S. João.

A viola campaniça da região e zonas próximas de Beja, é a maior das violas portuguesas. De uma bela sonoridade rústica, toca-se combinando o pontiado com o rasgado. A sua função é acompanhar principalmente o canto.

A viola beiroa ou ''bandurra'' hoje caída em desuso, parece ter sido sobretudo um instrumento da região ''arraiana'' do distrito de Castelo Branco. Como já foi dito, esta viola mostra um traço peculiar que a distingue de todas as demais violas portuguesas, e que entre nós só ali encontramos: além do cravelhal normal existe outro, situado no fundo do braço no ângulo que este faz com a caixa para duas cravelhas também dorsais, a que correspondem duas cordas, de arame também as ''requintas'' que não são trilhadas e se tocam sempre soltas como na harpa.

Esta viola ocupa lugar de destaque na ''dança dos homens'' em Lousa ao lado da ''genebres''.

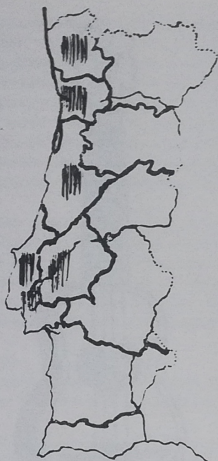
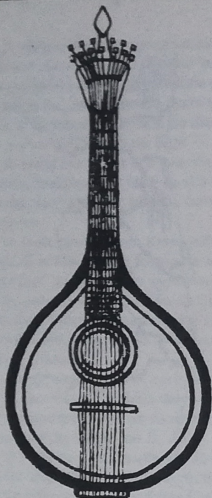
cavaquinho

O cavaquinho é um cordofone popular do tipo da viola, por isso familiar das guitarras europeias.

É constituído fundamentalmente por um braço e uma caixa de ressonância. As cordas são de aço e prendem-se a cravelhas de madeira e a um cavalete colocado no tampo da caixa. A afinação natural parece ser ré-sol-si-ré, se bem que muitos tocadores prefiram outras.

Este instrumento é fundamentalmente utilizado no Minho, embora tivesse em tempos, grande implantação nas regiões de Coimbra, Lisboa, Algarve e Ilha da Madeira.

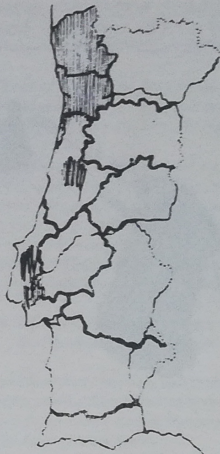
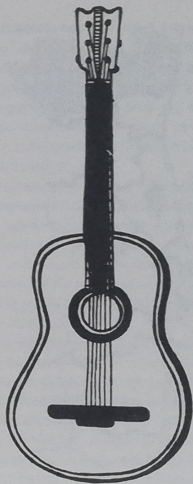
O cavaquinho toca-se de "rasgado" com quatro dedos menores da mão direita ou apenas com o polegar e o indicador.

É um dos instrumentos favoritos e mais populares das rusgas minhotas, tem carácter exclusivamente profano e mesmo acentuadamente lúdico e festivo, com radical exclusão de usos cerimoniais ou austeros.

guitarra

A guitarra portuguesa é um cordotone cuja origem ainda hoje é bastante discutida. Segundo uma corrente que goza em Portugal de grande popularidade este instrumento seria de origem árabe. Outras opiniões consideram a guitarra uma forma nacional tardia do cistro europeu do século XVI ou XVII, outras ainda falam da possível origem inglesa que a teria introduzido na cidade do Porto por volta do século XVIII através da sua colónia então muito numerosa naquela cidade, tendo-se difundido por todo o País, começando, nas mãos do povo a substituir a viola até então dominante.

É constituída por uma caixa, braço e cabeça, arma com seis ordens de cordas todas metálicas que se fixam em baixo da ilharga e na cabeça.

Actualmente os violeiros fabricam guitarras de três tipos: o de Lisboa, que é o mais pequeno, menos alto, e sobre o redondo; o de Coimbra, que é maior, com a caixa mais aguçada e a escala mais comprida; o do Porto e Braga, semelhante ao de Coimbra, mas um pouco mais pequeno. A guitarra encontra-se difundida por todo o País, com maior incidência nas regiões atrás referidas.

Toca-se uma combinação de pontiado e rasgado. A guitarra está actualmente ligada ao fado (com acompanhamento de violão), tanto na sua forma de Lisboa, como na de Coimbra; mas essa ligação parece ser um facto recente. No fado corrido, ela faz simplesmente o acompanhamento do canto; quando não há cantor, o guitarrista fantasia variações sobre o tema, abandonando-se à inspiração do momento. Nos seus primórdios, porém, ela parece ter sido um instrumento da burguesia, que servia qualquer género musical, ''sonatas'', ''minuetes'', ''marchas'', ''contra-danças'' e ''modinhas''. Por toda a parte a guitarra destronou os instrumentos locais, e o fado, por muito que, com o seu carácter acentuadamente urbano, seja falho de sentido e deslocado no cenário rural do País, é preferido pelas gentes, em prejuízo dos seus velhos cantares.

violão

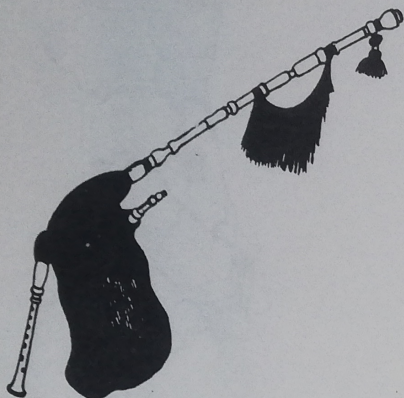
O violão também designado por ''guitarra espanhola'' ou ''francesa'' é um cordofone que prossegue a tradição da ''vihuela'' quinhentista da guitarra palaciana dos séculos XVII e XVIII, e até do alaúde.

Este cordofone tem seis cordas simples, a caixa de tampos chatos e paralelos, com cinta larga, boca redonda, braço longo e escala em ressalto com dezassete trastos, cabeça lisa; cravelhas outrora dorsais de madeira, e agora mais frequentemente, laterais, de ''carrilhão'' prisão das cordas em cavalete, colocado a meio do bojo inferior do tampo. A sua afinação normal é mi-lá-ré-sol-si-mi do grave para o agudo.

O violão é entre nós, geralmente instrumento acompanhante e actualmente pode considerar-se o mais importante deles, aparecendo em quase todos os conjuntos e ocasiões, chulas e rusgas, a acompanhar o canto, o cavaquinho, instrumentos de tuna etc. e sobretudo a guitarra no fado, de Coimbra e Lisboa.

A designação de ''viola francesa'' ou ''violão'', que distingue este instrumento da popular viola de cinco cordas duplas, usa-se sobretudo em terras nortenhas de Entre-Douro e Minho, onde a velha viola de cinco ordens subsiste com plena vitalidade nas suas formas braguesas e amarantinas; no sul, onde ela desapareceu e foi esquecida praticamente por toda a parte, o violão é chamado apenas viola, estabelecendo uma grande confusão de nomenclatura. Quando aí se quer indicar a verdadeira viola, acrescenta-se a esta palavra o qualitativo de ''braguesa'', de ''arame'' etc.

Como a viola e os demais cordofones em geral, e de acordo com as suas características organológicas e éticas, o violão é também um instrumento profano e para a música profana ou lúdica, com total exclusão de funções ou figurações cerimoniais.

gaita de foles

A gaita de foles é um aerofone muito especial, composto essencialmente de um tubo melódico e a maior parte das vezes de outro, pedal, munidos de palhetas que soam pela passagem do ar, soprado não directamente pela boca, mas de um reservatório a eles ligado, que se enche por meio de insuflador com válvula.

Este instrumento remonta a grande antiguidade e a sua área mundial é extremamente vasta. A generalidade dos autores filia os seus primórdios no ciclo pastoril, ao qual pertence também a flauta, entendendo que a ideia de juntar uma destas a um odre de pele se compreende sobretudo em gentes que dispuseram de rebanhos, e que conhecessem esse género de recipientes. Inglaterra, Escócia, Irlanda defendem a tese de que a gaita de foles é de origem céltica em face da sua grande difusão em países de ascendência céltica notória. Há no entanto quem, embora considerando a sua natureza pastoril recuse porém a sua ascendência céltica.

Na generalidade dos casos europeus, porém, a gaita de foles de há muito é sobretudo instrumento popular e lúdico. É muito usada em cortejos, marchas, casamentos, e de um modo geral festas populares e tradicionais. Conserva, para além do seu aspecto festivo, algo respeitável, figurando nas cerimónias populares religiosas, procissões, etc. Muito raramente acompanham o canto. Normalmente usa-se sózinha ou com um acompanhante típico de bombos e caixas e com pandeiros, ferrinhos, conchas, como nas regiões transmontanas.

Aparece em Portugal em quatro zonas fundamentais: Trás-os-Montes, Alto Minho, Região de Coimbra, Estremadura. É estruturalmente do mesmo tipo fundamental, notando-se de uma zona para outra diferenças de pormenor mais ou menos consideráveis em alguns dos seus elementos constitutivos.

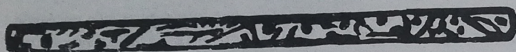
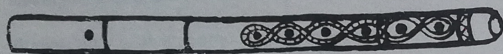
A gaita de foles é como já dissemos, fundamentalmente composta de um fole (pele de cabrito, cabra ou carneiro) revestido de um forro (a vestimenta) e tem aplicados três encaixes de madeira, onde entram o insuflador (assoprete) o tubo melódico (ponteiro) e o bordão (ronca).

Coloca-se o saco da gaita de foles sob o braço esquerdo, que o aperta com o cotovelo para expulsar o ar insuflado pelo assoprete, o qual assim expelido sob pressão sai pelos dois tubos sonoros, passando através das palhetas que estes encerram, fazendo-os soar.

Conforme já foi dito a gaita de foles trasmontana figura, em funções cerimoniais e de maior vulto com o acompanhante de bombo e caixa, num conjunto normal que é mesmo conhecido pela designação de ''gaiteiros''. Aqui a gaita de foles conserva portanto o seu carácter primitivo. Afirma-se como um elemento de longa tradição tanto no seu uso como no seu fabrico.

No Minho a gaita de foles nunca se ouve sózinha mas sim ao mesmo tempo que um conjunto de bombo e caixa, a que se dá o nome de ''Zé-Pereiras'', com carácter muito diverso da gaita de foles trasmontana.

Na área de Coimbra, as gaitas de foles têm um aspecto muito peculiar, são torneadas e pintadas de várias cores, grossas e com um pesado roncão, muito diferente das leves e finas gaitas Minhotas, e das igualmente pesadas mas muito mais rudes gaitas trasmontanas. Também aqui a gaita de foles é sempre acompanhada de bombo e caixa.

Na Estremadura, as gaitas de foles são práticamente todas de proveniência galega. As palhetas são feitas na região. A gaita de foles nesta área figura sempre sózinha.

flauta

A flauta é um aerofone de que podemos encontrar dois tipos comuns em Portugal: a de bisel e a travessa.

As flautas de bisel, ou pífaros, medem cerca de 40 cm. de comprido. O seu interior é uma fura levemente cónica, que atinge cerca de 1,5 cm. no bocal. Nesse topo mete-se um taco de madeira, para apertar a entrada, deixando uma fenda estreita e laminar para a passagem do ar. Talha-se o bico em bisel. No corpo existem os furos, em número variável conforme as regiões: no Norte e Leste transmontano, e na faixa alentejana além Guadiana, têm normalmente três furos, dois na face superior e um na inferior. Sustêm-se e tocam-se com uma só mão. Esta é o tipo de flauta usada pelo tamborileiro, pois permite o toque simultâneo de tamboril e flauta pela mesma pessoa. Deixa a outra mão livre para a baqueta. Quando usada a solo, a flauta toca-se com a mão direita; quando em conjunto com o tamboril com a mesma pessoa, toca-se com a esquerda, deixando a direita livre para manejo da baqueta, conforme foi dito.

O âmbito normal da flauta de bisel entre nós é de sete notas, numa escala diatónica mais ou menos regular, a partir da sensível mais grave.

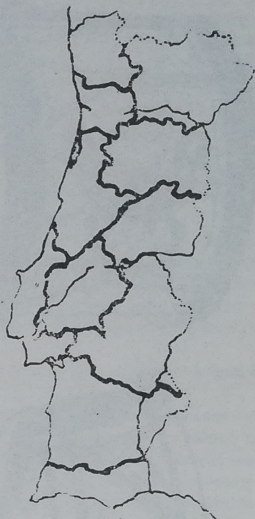
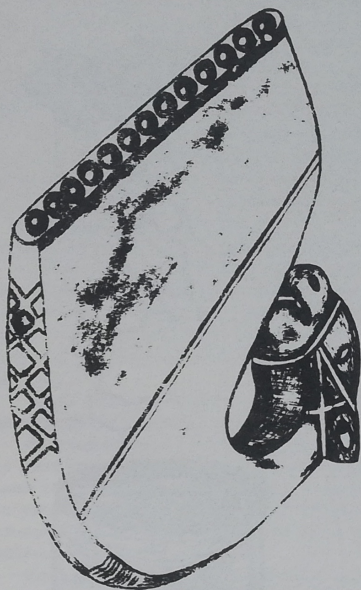
Há ainda a considerar em centros oleiros, sobretudo Barcelos, pequenas flautas de barro, de bisel, cerca de doze a catorze centímetros de comprimento e quatro furos. Trata-se no entanto de um brinquedo de feira para crianças.

No resto do país, sobretudo Beira-Baixa, predomina a flauta travessa: seis furos, além do insuflador todos na face superior.

A flauta travessa toca-se com as duas mãos, viradas para o lado direito do tocador, a mão esquerda mais próxima da boca e pelo lado de fora, a direita mais para a ponta e pelo lado de dentro; os dedos polegares seguram o instrumento por baixo: os mínimos ficam no ar.

Na zona de Coimbra e Minho, a flauta travessa aparece raramente; tem carácter rural, não pastoril, tem um sétimo furo fora do alinhamento para o polegar esquerdo.

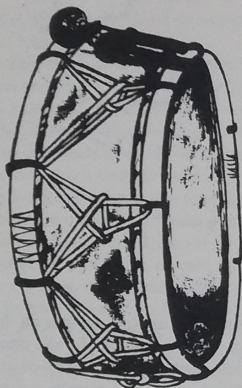
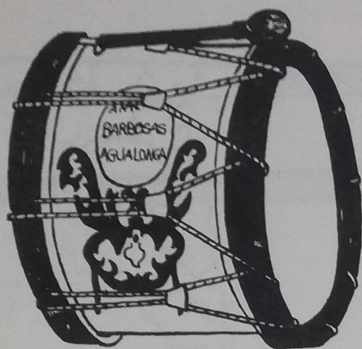
A flauta travessa é sobretudo encontrada na Beira-Baixa embora apareça também no Alentejo e no Algarve. Desempenha funções cerimoniais nas ''Alvíssaras da Páscoa'' ao lado do adufe. Na Cova da Beira (Fundão) ela forma um conjunto com bombos e caixa (bombos de Lavacolhos)

gaita de amolador

A gaita de amolador ou de porqueiro, é um aerofone pluri-tubular, do tipo da flauta de Pan, em que os diferentes comprimentos da coluna de ar a pôr em vibração são dados não por diferenças de altura dos furos abertos num tubo único, mas por diferenças de altura de vários tubos (cerrados no fundo), independentes mas ligados uns aos outros, e dispostos com as aberturas a seguir em linha.

Toca-se correndo o lado do triângulo onde estão abertos os furos tangencialmente à boca do tocador, fazendo fenda com os lábios, de molde que o sopro bata de bisel contra a abertura do furo.

Modernamente a gaita de amolador é talhada numa peça única de madeira, com a forma básica de um triângulo em que se recorta um peitoral e cabeça de cavalo e em cujo lado rectilínio se cavam os furos, de alturas crescentes e em número variável.

Como sugere o nome pelo qual o instrumento é designado entre nós, esta flauta com o seu toque característico, é nas cidades o pregão de determinados pequenos ofícios ou oficinas ambulantes individuais que assim se anunciam pelas ruas, amola-tesouras-e-navalhas ou guarda-soleiros, etc.; e nas aldeias, sobretudo do porqueiro ou capador, que nas alturas próprias corre as diversas regiões rurais.

tambores

Os tambores portugueses são do tipo europeu, isto é bi-membranofones de caixa de ressonância cilíndrica e proporções variáveis mas sempre mais ou menos altas, peles retezadas por corda corredia ou parafusos passados entre elas, permitindo assim a graduação da sua tenção. São também de percussão indirecta, pela pancada de um ou dois bastões complementares.

Os nossos tambores apresentam-se sob três formas principais, de diferentes estruturas morfológicas, sonoras e funcionais: bombos, caixas, tamboris.

Os bombos caracterizam-se pela ausência de bordões sobre qualquer das peles, que por isso sob a pancada da masseta, vibram com uma sonoridade profunda.

Os bombos são geralmente de tipo largo e de vários tamanhos desde os enormes bombos dos "Zé-Pereiras" minhotos, com mais de 80 cm. de diâmetro e muito altos, até aos pequenos e delicados bombos das rusgas e das chuladas com menos de 30 cm. de diâmetro. Os bombos beirões são baixos, mas extraordinariamente largos.

Os bombos transportam-se a maior parte das vezes a tiracolo suspensos da bandoleira que é um cinto que passa pelo ombro direito e sob o braço esquerdo prendendo aos arcos, de ambos os lados: ficam geralmente um pouco inclinados, com as peles ao alto, a do lado direito — a batedeira — voltada para cima, a outra — a berdoeira — voltada para baixo.

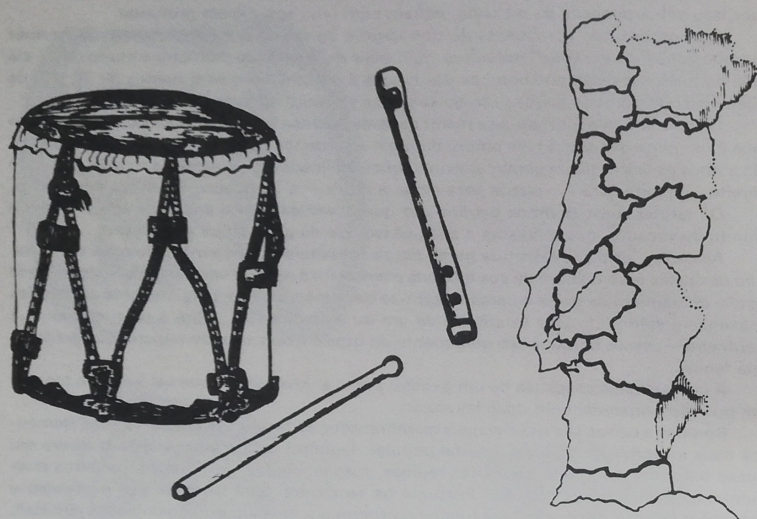
Os larguíssimos bombos beirões vão quase verticalmente apoiados sobre o joelho direito do tocador, que o lavanta a cada passo que dá para aliviar o seu peso.

As caixas, pela sua estrutura geral, peças constituidas e sistema de fixação e graduação das peles assemelham-se aos bombos e mostram a mesma variedade de sistemas que estes: distinguem-se deles e caracterizam-se em especial pelas suas menores dimensões máximas e sobretudo pela existência de um ou mais bordões sobre a pele inferior — a berdoeira —; esses bordões são geralmente de tripa e fixam-se a um registo, que gradua a sua tensão.

A caixa leva-se suspensa de um gancho preso a uma correia que vai à cinta e toca-se em posição horizontal com duas baquetas.

Bombos e caixas são os principais membranofones de percussão e até um dos elementos mais importantes do instrumental popular. Figuram com maior ou menor relevo em quase todos os conjuntos das várias regiões, rusgas, chulas, Zé-Pereiras, gaiteiros trasmontanos e coimbrões etc. Em Portugal os tambores, para além da sua expressão e actuações lúdicas, desempenham funções cerimoniais, em inúmeras solenidades públicas, militares e religiosas.

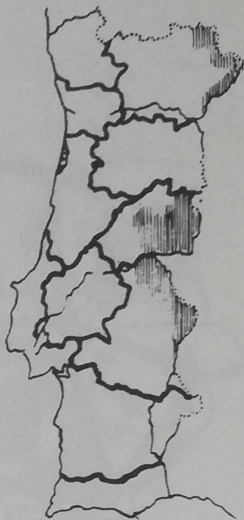
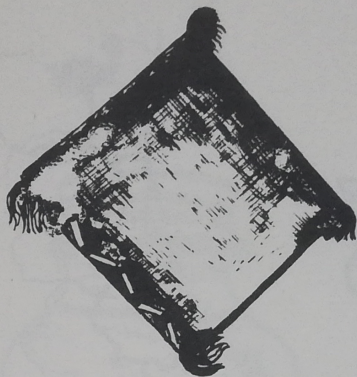
Em alguns casos são de natureza cerimonial qualificada. Assim nos Zés-Pereiras e gaiteiros ao lado da gaita de foles, no Minho, acompanhando as grandes festas religiosas e públicas. Em terras de Coimbra tocando, além disso, nos ofícios rurais: em Trás-os-Montes igualmente nos ofícios, nas Festas e com os Pauliteiros.

tamboril

O tamboril é de um modo geral, um tambor pequeno, com bordões sobre ambas as peles, embora se toque só numa delas, tal como as caixas.

Aparece assim, em Trás-os-Montes, na faixa fronteiriça de Rio de Onor e Terras de Miranda e é por vezes uma simples caixa à qual se aplicaram bordões nos dois lados.

Num sentido funcional, mais complexo e original, porém, o tamboril não é apenas o instrumento, que o seu nome designa, mas um pequeno conjunto instrumental, composto de tambor propriamente dito e de flauta, tocados por um único indivíduo — o tamborileiro ou tamboriteiro — que executa a melodia, a cargo da flauta e o acompanhamento com o tamboril que neste caso é naturalmente tocado só com uma baqueta.

O tamboril e flauta, é em Portugal, uma forma rara e pouco representativa, que existe apenas em duas regiões delimitadas e afastadas uma da outra: em aldeias raianas de Terras de Miranda como instrumento fundamental da dança dos ''pauliteiros'', ''festas dos rapazes'', Presépios de Natal, em funções profanas e lúdicas além de outras solenidades religiosas: e na faixa alentejana além-Guadiana, em funções cerimoniais.

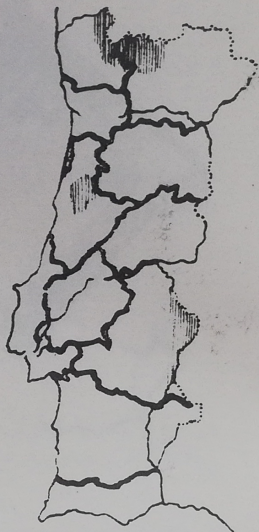
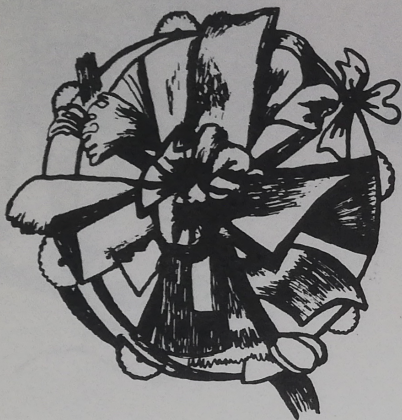
O pífaro, como instrumento deste conjunto, é um tipo de flauta doce, com fenda em bisel e com três furos no topo oposto: dois na face e um na superior para o dedo indicador e médio — normalmente da mão esquerda — e um na inferior, para o polegar; o instrumento segura-se e toca-se com essa mesma mão. O tamboril vai suspenso desse mesmo braço, por uma pequena correia, e é batido com a baqueta única, empunhada pela mão direita. Este conjunto, parece ter sido conhecido já nos últimos tempos do Império Romano, foi usado desde então por jograis e saltimbancos.

adufe

O adufe é um pandeiro bi-membrafone de forma quadrangular cuja introdução em Portugal remonta à dominação árabe na Península. Encontra-se entre nós na faixa norte e oriental do País, mas é na Beira-Baixa que o adufe continua ainda em plena vigência.

Eles aparecem associados à música local popular mais genuína — por vezes de características arcaicas — das diversas regiões onde ocorrem como seu acompanhante tradicional, pode mesmo dizer-se natural e específico.

Além das características morfológicas e organológicas essenciais — processos de fixação das peles e modos de tocar (percussão directa) e no caso mais geral, o seu formato o adufe distingue-se dos tambores do tipo europeu por razões de ordem social: enquanto que o tambor é um instrumento essencialmente masculino, usado só por homens e tem geralmente carácter colectivo, o adufe pelo contrário é sempre tocado só pelas mulheres e tem carácter estritamente individual.

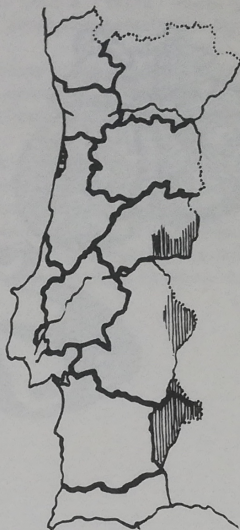
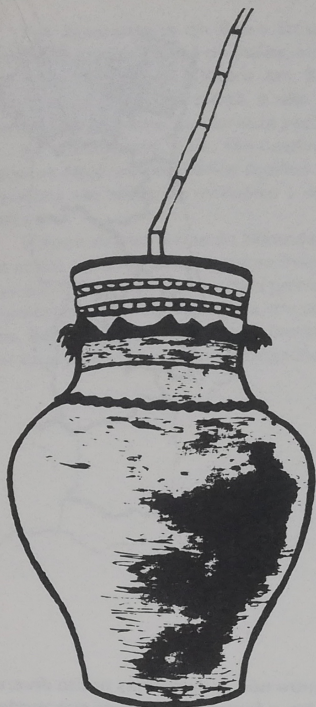
Nas Beiras Interiores, sobretudo Beira-Baixa, o adufe é um instrumento fundamental da região; ele acompanha aí toda a espécie de cantares, profanos e festivos, danças e canções do trabalho. Trata-se pois de um instrumento extremamente e essencialmente festivo, próprio talvez originariamente apenas de música profana.

É frequente introduzir dentro da caixa de ressonância, vários dispositivos (areias, soalhas, sementes, etc.) para aumentar e enriquecer a sonoridade da simples percurssão da pele.

pandeiro

O pandeiro é um membranofone de percussão directa, de aro muito baixo, cuja pele é fixa (não permitindo portanto a graduação da sua tensão e tonalidade).

Esta categoria compreende os pandeiros propriamente ditos, e as vulgares pandeiretas. Este instrumento é geralmente redondo, com uma ou duas filas de soalhas de lata, que ficam à vista e jogam em pequenos rasgos nele abertos, funcionando assim o pandeiro, além de membrafone também como idiofone sacuditivo. Geralmente os pandeiros são maiores que as pandeiretas. Porém, distinguem-se delas principalmente porque os pandeiros aparecem em contextos mais sérios, servindo por vezes formas específicas, as pandeiretas são objectos fúteis, sem importância, para se venderem em barracas de feira e bazares e que no fim da festa estão escacados e se deitam fora.

O pandeiro parece ter sido outrora preferentemente feminino, embora não se possa falar de qualquer obrigatoriedade tradicional nesse sentido.

Actualmente o pandeiro uni-membranofone não é muito frequente: casos esporádicos no Alentejo, do tipo Chamânico, principalmente na região de Elvas, Santa Eulália. Têm aqui uma decoração exuberante com fitas de cores cruzadas no lado onde falta a pele, o aro recoberto de baetas bordadas, etc. Aparece também em terras do Gerês a par com a flauta, e em Chaves com a gaita de foles.

sarronca

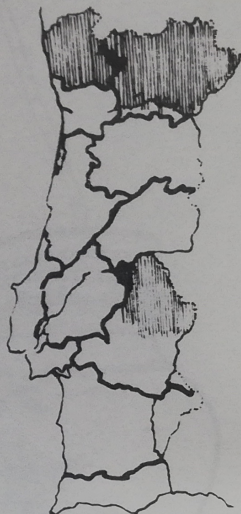
A sarronca é um instrumento muito primitivo e tosco, da categoria especial dos membrafones de fricção, composto essencialmente por uma caixa de ressonância cuja boca é tapada com uma pele esticada que faz de membrana vibratória posta em vibração sonora por fricção de um elemento fixo por uma ponta no seu centro, e que se fricciona com a mão; produz-se desse modo um ruído grave e fundo, que o bojo da caixa transforma no ronco característico do instrumento.

Em Portugal aparecem dois tipos de sarronca; conforme o elemento fricativo é flexível (uma corda) ou rígido (um pau ou haste), havendo ainda espécies a considerar dentro de cada um destes tipos.

A pele que se usa para membrana de vibração deve naturalmente ser fina, mas varia também conforme as disponibilidades locais: ovelha, carneiro, borrego, cabrito, chibo, cabra nas terras além-Guadiana. Na região de Elvas é de bexiga de porco ou carneiro.

As sarroncas são instrumentos individuais, transportam-se então debaixo do braço esquerdo, enquanto que a mão direita fricciona a haste.

A sarronca, sob diferentes formas, é entre nós usada fundamentalmente em duas épocas definidas; o Carnaval e o ciclo festivo do Natal, nas regiões raianas da Beira Baixa, região de Elvas e Além-Guadiana.

castanholas

As castanholas são extremamente correntes entre nós, e de formas muito diversas. Em quase todo o País onde se usa este idiofone, têm a forma aproximada dos modelos espanhóis, constando de duas conchas mais ou menos espalmadas com diversas formas, ligadas em cima uma à outra frouxamente por um cordão e terminando em baixo, ora em redondo, ora em bico.

No Alentejo, por exemplo: na região de Elvas, as castanholas são com frequência profusamente lavradas e por vezes pintadas na parte superior onde se faz a ligação das valvas. Este tipo de decoração constitui uma das típicas manifestações da arte pastoril da madeira em que o Alentejo é inexcedível.

Na corda do rio Minho e Serra de Arga, elas são muito pequenas, como nozes, de forma quase esférica, e usam-se presas ao polegar, ampliando apenas o estalido dos dedos.

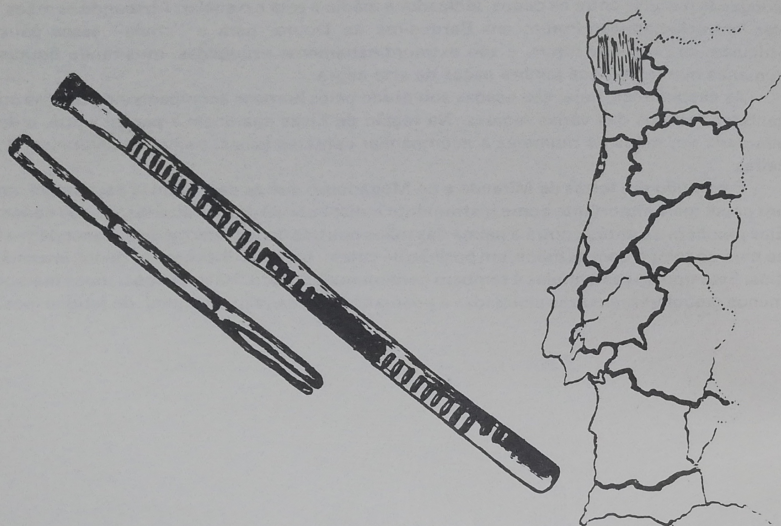
Estas castanholas tocam-se batendo com os quatro dedos menores ao mesmo tempo, sobre a placa, que choca contra a outra num ritmo menos rápido, ou então sacudindo as mãos de modo a fazê-las chocalhar com esse movimento.

É na região de Guimarães que as "rusgatas" são por vezes precedidas do Zuca-truca ou cana de "bonecros" ou "monecros" que é um bambú com cerca de 1,20 m de alto, servindo de tubo por onde passa um arame tipo êmbulo, e que vai accionar vários pares de bonecos articulados, que ao abanarem, fazem tocar castanholas que levam penduradas nas costas. Este instrumento tem o seu correspondente, certamente dele derivado, no "Brinquinho" na Ilha da Madeira.

Em Amarante, e no Baixo Douro, as castanholas são simples tábuas pequenas e alongadas metidas entre os dedos, indicador e médio e este e o anelar. Abanando as mãos, elas entrechocam-se. Porém em Barqueiros no Douro, para a "chula" esses paus articulam-se num dos topos, e são extraordinariamente esculpidas, mostrando figuras humanas num estilo que lembra peças de arte negra.

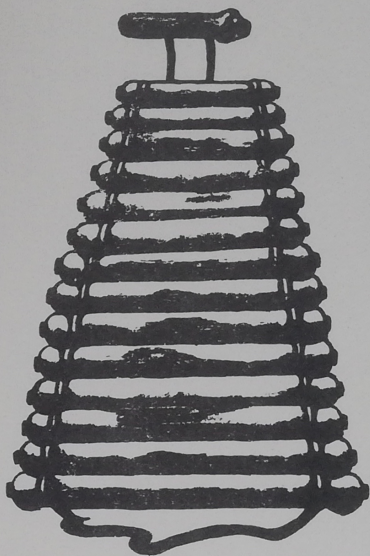
As castanholas, hoje, são usadas sobretudo pelos homens acompanhando danças ou cantares festivos das várias regiões. Na região de Elvas aparecem a par do adufe, e do almofariz em mãos de mulheres a acompanhar cantares (saias, balhos, e alvoradas) de ceifas.

É contudo em terras de Miranda e no Mogadouro que as castanholas desempenham um papel mais importante como instrumento indispensável dos Pauliteiros, na sua dança. Elas prendem-se então contra a palma das mãos nos três dedos intermédios, e sacodem-se ao mesmo tempo com as mãos, em posição de cutelo, batendo-lhes com os dedos intermédios. Este tipo de castanholas é também geralmente bordado. Há dois tipos: umas mais ou menos globulares, e outras alongadas e prismáticas. Todas são, em geral, de fabrico local.

reque-reque

O reque-reque é um idiofone fricativo, que consta esquemáticamente de um pau denteado, com cerca de 70 cm. de comprimento, sobre o qual se raspa outro pau, geralmente uma cana rachada, por vezes com soalhas de lata para lhes enriquecer a sonoridade. É um instrumento essencialmente rítmico.

Existe em Portugal Continental, mas é de difusão restrita, aparecendo apenas no Minho, onde figura em certos casos nas rusgas e por vezes com outros grupos festivos a acompanhar cantares de Janeiras, Reis, etc.

Conhecemos dois tipos principais de reque-reques. No Alto-Minho e Minho interior eles constam de um simples pau em que se cavam pequenos rasgos formando um denteado. Geralmente são de cana, mas na região média do Cávado, eles são por vezes de madeira, finamente serrilhados. Em Guimarães, Braga, Barcelos, Esposende, além dos de cana, aparecem grandes reque-reques que representam figuras humanas ou mais raramente animais, aproveitando formas naturais da madeira ou recortando-as em tábuas, neste caso, elas são por vezes pintadas e aplicam-se-lhe até outros instrumentos baratos, campaínhas, pandeiretas, castanholas, etc.

Certos autores atribuem ao reque-reque origem africana congolesa. Ele seria então mais um elemento difundido na Europa a partir dos nossos descobrimentos marítimos. Esta não é porém uma opinião muito generalizada, podendo todavia admitir-se uma importação indirecta de África, via Brasil onde o reque-reque existe e ocorre com relativa importância.

genebres

A "genebres" é um idiofone, uma espécie de xilofone com uma série de paus redondos maciços de tamanhos crescentes de cima para baixo, enfiados numa tira de couro formando colar, e que é conhecido em organologia pelo nome de "échelette".

Em Portugal a "genebres" aparece apenas na Lousa (Castelo Branco) num caso único, na "Dança dos Homens", em honra da Senhora dos Altos Céus. A genebres tem aí carácter rigorosamente cerimonial, sendo apenas usada nessa ocasião. Forma conjunto com violas beiroas e trincho.

O homem que a leva — e que é quem comanda as marcações da dança e representa o elemento libertino que nela figura — usa-a pendurada do pescoço (os paus mais finos para cima) pela correia de couro que liga os paus e aí faz azelha; afasta-a do corpo com a mão esquerda que segura a correia, em baixo, e bate a baqueta com a direita, não em cada pau individualmente (a não ser no início das marcações), mas correndo todos os paus ao mesmo tempo, em "glissandos" de baixo para cima e vice-versa, nos ritmos que a dança requer. O instrumento tem hoje ali, apenas catorze paus, (em "pau-ferro" ou "pau-preto") embora inicialmente tivesse dezassete.

A genebres da Lousa pode ser um instrumento importando da Espanha que, por qualquer motivo se fixou naquela aldeia beiroa, embora, seja de admitir, dada a antiguidade da celebração a que está ligada, que tal se deu há já muito tempo.

Os elementos que aqui fornecemos ao visitante foram colhidos no livro notável de Ernesto Veiga de Oliveira *Instrumentos Musicais Populares Portugueses*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1966, edição esgotada há vários anos, cuja reedição é hoje uma necessidade urgente para a divulgação da cultura popular portuguesa.

Aqui prestamos ao Autor a nossa modesta homenagem.